

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)  
PARTE I - ANTES DA REVOLUÇÃO  
16 e 18 de Fevereiro de 2023

## MOJ, MARJAN, KHARA / 1961

“Onda, Coral, Pedra”

*um filme de Ebrahim Golestan*

Realização: Alan Pendry, Ebrahim Golestan (não creditado) / Argumento: Ebrahim Golestan, Alan Pendry / Fotografia: Philip Law, Sharokh Golestan, William Smeaton-Russell, Soleiman Minassian / Som: Makmood Hangwall, Samad Pur-Kamali, Hrand Minassian, Nematollah Raufee / Música: Hossein Dehlavy / Comentário (voz): Thomas McLeod (versão inglesa) / Título inglês: “Wave, Coral and Rock” / Produzido para Iranian Oil Operating Companies / Produção: Golestan Film Unit (Irão, 1958-1961) / **Cópia:** DCP (original em 35mm), cor, falada em inglês (versão inglesa) e legendada electronicamente em português / Duração: 40 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

## TAPPE-HAYE MARLIK / 1964

“As Colinas de Marlik”

*um filme de Ebrahim Golestan*

Realização, Argumento, Montagem: Ebrahim Golestan / Fotografia: Soleiman Minassian / Música: Morteza Hannaneh / Som: Mahmood Hangwall / Comentário (voz): Ebrahim Golestan / Título inglês: “The Hills of Marlik” / Produção: Golestan Film Unit (Irão, 1964) / **Cópia:** DCP (original em 35mm), cor, falada em persa, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

## GANJINE-HAYE GOHAR / 1965

“As Jóias da Coroa do Irão”

*um filme de Ebrahim Golestan*

Realização, Argumento, Montagem: Ebrahim Golestan / Fotografia: Soleiman Minassian / Música: Hossein Dehlavi / Comentário (voz): Ebrahim Golestan / Título inglês: “The Crown Jewels of Iran” / Produzido para: Central Bank of Iran / Produção: Golestan Film Unit (Irão, 1965) / **Cópia:** DCP (original em 35mm), cor, falada em persa, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 70 minutos.

---

Não tendo uma obra cinematográfica extensa, Ebrahim Golestan é um dos autores mais singulares e influentes do cinema iraniano. Entre as suas duas únicas longas-metragens ficcionais conta-se o admirável **Khest va Ayeneh / “O Tijolo e o Espelho”** (1963) e o posterior **Asrare Ganje Dareye Genie** (1972), a que se somam um conjunto de singularíssimos documentários (parte importante dos quais vemos nesta sessão), sendo ainda o criador do seu próprio estúdio de produção, que revelava claramente o seu modo de estar no mundo e de fazer cinema. Nascido em 1922 em Shiraz, no Irão, Golestan publicou o seu primeiro livro de contos em 1949 – que em português teria o título “Novembro, o fim do Outono” –, que revelou cedo o seu talento literário e estabeleceu a sua influência na literatura iraniana ainda antes de se dedicar ao cinema, que aliás também se estabeleceu através das várias obras que traduziu de literatura americana, de autores como Ernest Hemingway ou William Faulkner. Membro activo do partido comunista iraniano até meados dos anos quarenta, deixará a actividade política directa em 1946 para se dedicar em exclusivo às artes, tanto à literatura como ao cinema.

Enfatizar o carácter multifacetado desta intervenção de Golestan no espaço público é importante para percebemos melhor a importância do seu papel na cultura iraniana, bem como a força do seu cinema, na sua dupla via eminentemente poética (a sua prosa poética sempre foi muito elogiada) e política. Um papel que ultrapassou em grande parte a sua obra, tendo contribuído para o desenvolvimento e suporte de outros talentos nas mais diversas áreas. Falamos da escritora Feroz Farukhi, que cedo acolheu na sua “Golestan Film Unit”, mas falamos também de muitos outros que se lhe juntaram na definição do que poderia ser o moderno cinema iraniano no contexto da primeira produtora iraniana que se poderia chamar de moderna, assente num modo de produção colaborativo.

Esta sessão junta três dos mais admiráveis documentários de Golestan (mostrámos já mais dois noutras sessões) que, sendo em parte financiados por instituições oficiais, revelam como o cineasta conseguiu preservar a sua independência artística e espaço para a experimentação num contexto propício a todo o tipo de constrangimentos, o que se deveria certamente à sua própria influência na sociedade iraniana de então. A propósito do magnífico **Yek Atash/“Um Fogo”** (1961), um dos primeiros documentários produzidos neste âmbito, Golestan dirá que não havia uma clara divisão de tarefas, ocorrendo entretanto a especialização. Do grupo fazia parte Feroz Farukhi, que começou a trabalhar sobretudo em montagem com Rouhollah Emami, Sharokh Golestan, irmão mais novo de Ebrahim Golestan, ou os irmãos Minasian, que trabalhariam na imagem, cabendo a produção sobretudo a Najaf Daryabandari, Karim Emami ou Fereydoun Rahnama. Nomes que aparecerão recorrentemente nas fichas técnicas destes vários filmes de Golestan, nas funções principais ou como assistentes.

Produzido para as “Iranian Oil Operating Companies”, **Moj, Marjan, Khara / “Onda, Coral, Pedra”** (1961) narra a construção de oleodutos no sul do Irão de um modo extremamente singular. Se a realização é atribuída a Alan Pendry, que antes trabalhou com o realizador Bert Haanstra como seu assistente, na realidade Pendry apenas trabalhou no filme devido a um violento acidente de automóvel que obrigou Golestan a ser hospitalizado e a enviar a sua equipa de filmagens para o local, dirigindo-os à distância. A montagem e o

comentário são de Golestan e face ao filme percebemos o seu papel essencial na sua construção.

É belíssima a sua sequência inicial, o que acontecerá aliás com as sequências de abertura dos dois restantes filmes da sessão, que revelam todo o talento de Golestan em articular imagens e sons de modo invulgar. No modo como nos apresenta a sua visão poética do mundo, pensamos em Jean-Daniel Pollet, mas muito os separa. E pensamo-lo também pelo modo como, na abertura deste filme, Golestan articula vários tempos diferentes – o presente de hoje e o passado, num “tempo sem tempo”. À beleza do fundo do mar numa ilha de coral e aos magníficos movimentos de câmara sobre as ruínas do passado sucede-se a destruição implicada pelo progresso, mas nem por isso o filme deixa de ser circular. Há crítica, mas também elogio ao trabalho dos homens e à sua capacidade de produção de riqueza através do petróleo, mesmo se só atribuída a alguns. O comentário poético de autoria de Golestan que acompanha o filme é extraordinário, e o mesmo sentimos nos filmes seguintes, mas o que sobressai é a forma como, para lá das imagens, as palavras se articulam com outros sons e com a música, que é sempre usada de modo exemplar.

Realizado alguns depois, em **Tappe-Haye Marlik Em Tappe-Haye Marlik / “As Colinas de Marlik”** as realidades contrastantes são outras, mas em vez do contraste, Golestan opta pelo acordo. É belíssimo o modo como monta os gestos dos agricultores que trabalham a terra com os dos arqueólogos que escavam essa mesma terra com outros propósitos. Unindo gestos e artefactos de uns e outros, que embora se prejudiquem mutuamente fazem parte de uma única e mesma realidade, os primeiros momentos do filme são exemplares na demonstração do que pode o cinema, revelando como este pequeno objecto fílmico se revela um verdadeiro manifesto de cinema.

**Ganjine-Haye Gohar / “As Jóias da Coroa do Irão”** (1965) foi encomendado pelo Banco Central do Irão e posteriormente censurado pelo governo iraniano pela crítica do comentário aos reis persas. Prosseguindo na mesma tradição, que tira todo o pleno partido do potencial de montagem das imagens e sons, como nos restantes filmes da sessão há planos magníficos – de jóias, mas também de paisagens e de rostos, aqui em movimento ou em estase. Imagens que se articulam de modo invulgar e que apelam ao melhor do cinema. A história das jóias do Irão é aqui contada em paralelo com a história de um povo, uma história que conhece várias versões e que nesta sessão nos é admiravelmente devolvida pelo olhar poético de Golestan.

Joana Ascensão